

Indústria quer incentivos para competir

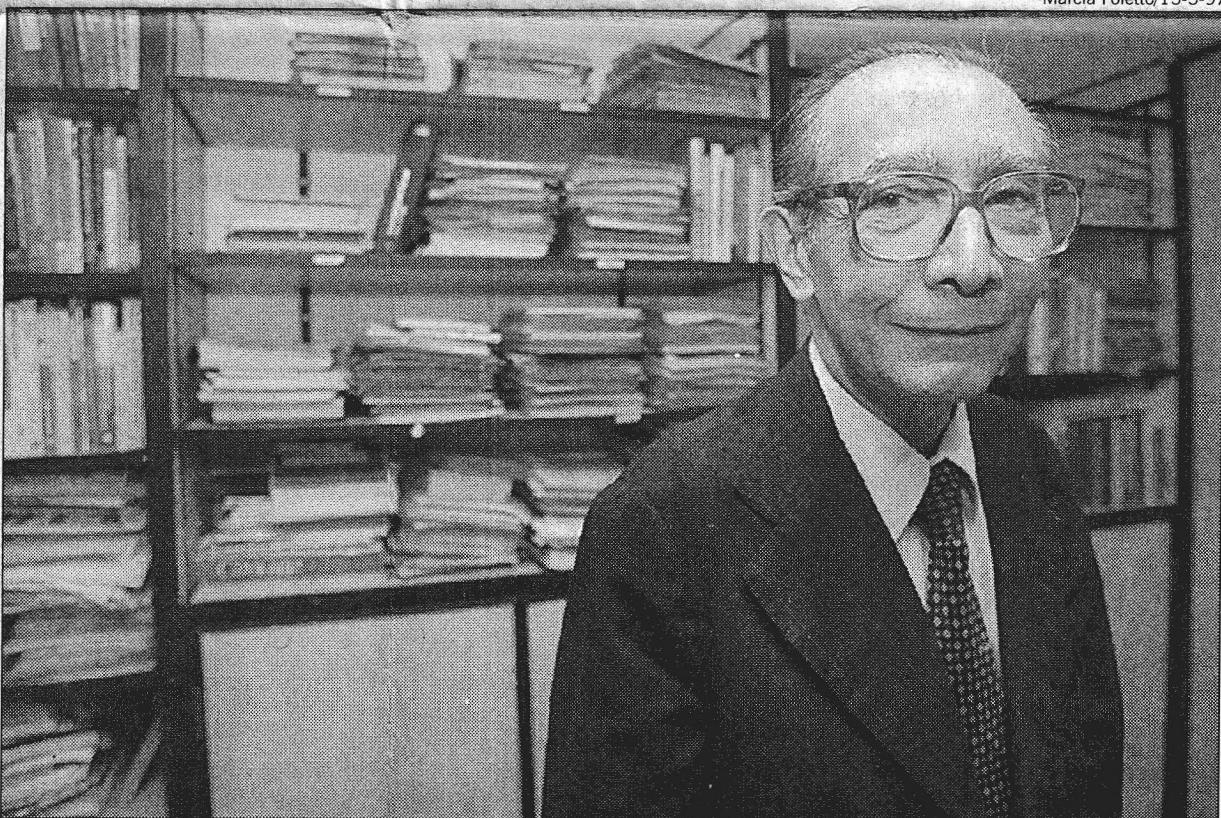
Iedi vai entregar estudo a FH mostrando que Brasil não tem política industrial

Aguinaldo Novo

• SÃO PAULO. Vai partir do setor privado a primeira sugestão concreta de uma nova política industrial para o país. No próximo dia 21, o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), formado por empresários brasileiros, apresenta a Fernando Henrique um estudo esmiuçando a política industrial de 12 países (das Américas, Europa e Ásia). As conclusões da pesquisa não são animadoras: todos os países analisados mantêm algum tipo de esforço ordenado de investimentos, menos o Brasil.

— Se queremos ter uma indústria forte e competitiva, precisamos saber o que os nossos concorrentes fazem — afirmou Paulo Francini, presidente em exercício do instituto.

O texto definitivo estará pronto e revisado até o dia 20, quando o Iedi promove em São Paulo um seminário interno. No documento, os empresários vão propor ainda a criação de mecanismos para estimular o crescimento de pequenas e médias empresas. A base para isso serão treinamento e requalificação da mão-de-obra. Em tempos de crise e corte de gastos, a possibilidade de o Governo abrir os cofres para financiar os empresários pode parecer sacrilégio. Mas o Iedi sustenta que é isso o que acontece no resto do mundo. A diferença é que lá fora existem metas e contraparti-



PARA O EX-MINISTRO do Planejamento Reis Velloso, o modelo utilizado no período militar já não serve mais ao país

das para o financiamento oficial.

O último grande projeto brasileiro de política industrial foi o 2º Plano Nacional de Desenvolvimento, comandado pelo então ministro do Planejamento João Paulo dos Reis Velloso, entre 1975 e 1979. Nos anos seguintes, o país entrou em crise, com alta abrupta da inflação, pacotes e choque da dívida externa — o que anulou a capacidade do Governo de fazer

planos de longo prazo. Na década de 90, o ex-presidente Itamar Franco propôs a criação do regime automotivo, para estimular o aumento da produção e a instalação de novas fábricas no país. A política deu certo: a produção cresceu e novas montadoras vieram para o país. As empresas de autopeças, no entanto, não foram beneficiadas e a maioria acabou sendo vendida.

Reis Velloso reconhece que a receita usada no período militar, baseada no estímulo a setores de insumos básicos (siderurgia, petroquímica, papel e celulose, entre outros) não serve mais. Agora, ele defende uma estratégia com duas frentes: aumentar a competitividade da indústria para enfrentar a concorrência com os importados e financiar novos pólos exportadores. ■

Márcia Foleto/15-5-97